

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Man from St. Petersburg*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © Ken Follett, 1982

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*

Imagem da capa: *Roy Bishop/Arcangel Images*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

10.ª edição, Lisboa, novembro, 2015

Depósito legal n.º 399 546/15

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à  
EDITORIAL PRESENÇA  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 BARCARENA  
info@presenca.pt  
www.presenca.pt

## CAPÍTULO UM

Era uma tarde de domingo vagarosa, daquelas que Walden adorava. De pé, frente a uma janela aberta, contemplava o parque. O extenso relvado plano era salpicado de árvores adultas: um pinheiro-da-escócia, um par de carvalhos majestosos, diversos castanheiros e um salgueiro, que mais parecia a cabeça de uma menina coberta de caracóis. O Sol ia alto, e as árvores davam uma sombra escura e fresca. Não se ouviam pássaros, mas um zumbido de abelhas prazenteiras elevava-se da trepadeira ao lado da janela. A casa, também ela, estava sossegada. A maioria dos criados tinha a tarde livre. Os únicos convidados desse fim de semana eram o irmão de Walden, George, a sua mulher, Clarissa, e os filhos. George tinha ido dar um passeio a pé, Clarissa descansava, e as crianças não se viam. Walden sentia-se confortável: para a igreja, usara sobrecasaca, e, dentro de uma hora ou duas, envergaria casaca para o jantar; entretanto, contudo, estava à vontade num fato de *tweed* e uma camisa de colarinho mole. *Bom*, refletiu, *se a Lydia tocar piano hoje à noite, terá sido um dia perfeito.*

Voltou-se para a mulher. — Vai tocar depois do jantar?

Lydia sorriu. — Se quiser.

Walden ouviu um ruído e virou-se de novo para a janela. Ao fundo do caminho da propriedade, a cerca de quatrocentos metros, surgiu um automóvel. Sentiu uma ferroada de irritação, como a insidiosa picada na perna direita que sempre o afligia antes das tempestades. *Por que motivo há de um automóvel vir aborrecer-me agora?*, pensou. Não que fosse contra os automóveis — ele próprio possuía um *Lanchester*, que utilizava regularmente nas suas

deslocações a Londres. Contudo, no verão, eram um incómodo, erguendo nuvens de pó da estrada de terra quando atravessavam a aldeia. Estava a pensar em mandar alcatroar algumas centenas de metros do caminho. Comummente não teria hesitado, mas as estradas haviam deixado de ser responsabilidade sua desde que, em 1909, Lloyd George introduzira as Juntas das Estradas, e era isso mesmo que lhe causava irritação, apercebeu-se. Aquilo não passara de legislação típica dos liberais: tinham-lhe tirado dinheiro para fazerem aquilo que ele próprio teria feito de qualquer forma e, depois, não o fizeram. *Acho que vou ter de acabar por pavimentar a estrada eu próprio*, ocorreu-lhe. *Só que é aborrecido pagar duas vezes pela mesma coisa.*

O automóvel virou para o pátio em gravilha e estacou, fremente e ruidoso, frente à entrada sul. Os fumos do escape chegaram à janela, e Walden conteve a respiração. O motorista, de capacete, óculos de proteção e envergando um pesado guarda-pó, saiu e abriu a porta ao passageiro. Do carro, desceu um homem baixo de casaco preto e chapéu de feltro da mesma cor. Walden reconheceu-o, e o coração sobressaltou-se-lhe: a sua pacífica tarde de verão terminara.

— É o Winston Churchill — anunciou.

Lydia proferiu: — Que maçada.

O homem recusava-se pura e simplesmente a ser ignorado. Na quinta-feira, enviara uma nota a que Walden não tinha prestado atenção. Na sexta-feira, dirigira-se à casa de Londres, onde lhe haviam dito que o conde não se encontrava em casa. Agora tinha feito todo o trajeto até Norfolk, num domingo. Mais uma vez seria mandado embora. *Será que pensa que a sua obstinação me impressiona?*, interrogou-se Walden.

Odiava ser mal-educado, mas Churchill merecia-o. O governo liberal de que fazia parte estava empenhado num ataque feroz aos verdadeiros alicerces da sociedade inglesa: lançando impostos sobre a propriedade fundiária, debilitando a Câmara dos Lordes, pretendendo oferecer a Irlanda aos católicos, retirando poder à Marinha Real Britânica e cedendo à chantagem dos sindicatos e dos malditos socialistas. Walden e os seus amigos não apertariam a mão a gente daquela.

A porta abriu-se, e Pritchard entrou na sala. Era um homem alto, *cockney*<sup>1</sup>, o cabelo negro cheio de brilhantina, que se comportava com uma gravidade claramente fictícia. Saía de casa muito cedo para andar embarcado, tendo acabado na África Oriental. Fora aí, num safari, que Walden o conhecera e contratara para supervisionar os bagageiros nativos; desde então, nunca mais se haviam separado. Agora ocupava o lugar de mordomo, viajando com o conde de uma casa para a outra, o mais parecido com um amigo que um criado podia ser.

— O Primeiro Lorde do Almirantado, milorde — anunciou Pritchard.

— Não estou em casa — retorquiu Walden.

Pritchard pareceu incomodado. Não estava habituado a expulsar ministros do gabinete. *O mordomo do meu pai tê-lo-ia feito sem pestanejar*, pensou Walden. Contudo, por benevolência, o velho Thomson estava aposentado e agora ocupava-se das rosas do jardim da sua pequena casa na aldeia, e, por algum motivo, Pritchard nunca adquirira a mesma dignidade inatacável.

A fala de Pritchard alterou-se, o que nele era ou sinal de descontração ou de tensão. — O senhor Churchill disse qu'ia dizer que não 'tava em casa, senhor, e disse pra eu lhe dar esta carta — disse, estendendo uma bandeja com um sobrescrito.

Walden *não* gostava de ser pressionado. — Devolve-lha... — proferiu, irritado, mas interrompeu-se e mirou a caligrafia no envelope. Havia algo de familiar nas letras inclinadas, inteligíveis e grandes.

— Oh, Deus meu — gemeu.

Pegou no sobrescrito, abriu-o e retirou uma folha de pesado papel branco, que ostentava uma dobra única. No topo, via-se o brasão real impresso em vermelho. Walden leu:

*Palácio de Buckingham*  
*1 de maio de 1914*

*Meu caro Walden,*  
*Receba o jovem Winston.*

*George R. I*

---

<sup>1</sup> Nascido no East End, uma zona tradicionalmente pobre de Londres, cujos habitantes têm um dialeto e um sotaque característicos. (NT)

— É do rei — disse à mulher.

Sentiu-se tão embaraçado que corou. Era *tremendamente* incorreto levar o rei a ter de agir daquela maneira. Foi como se fosse um rapazinho a quem é dito para parar de brigar e continuar com os trabalhos da escola. Por momentos, sentiu-se tentado a desafiar o rei. Porém, as consequências de tal ato... Lydia nunca mais seria recebida pela rainha, deixariam de ser convidados para festas em que estivesse presente um membro da família real e, pior que tudo, Charlotte, a filha, não poderia ser apresentada à corte como debutante. A vida social da família ficaria arruinada. Mais valeria mudarem-se para outro país. Não, desobedecer ao rei estava fora de questão.

Walden suspirou. Churchill derrotara-o. De uma certa forma, era um alívio, pois agora podia exprimir o seu desagrado, e ninguém lho levaria a mal. *Foi uma carta do rei, meu velho*, diria à laia de explicação, *está a ver, não houve nada que eu pudesse fazer*.

— Diz ao senhor Churchill que entre — disse, dirigindo-se a Pritchard.

Entregou a carta a Lydia. Realmente os liberais não percebiam a forma de funcionar de uma monarquia, refletiu. Murmurou: — O rei não tem a firmeza necessária com esta gente.

Lydia comentou: — Isto está a tornar-se muitíssimo aborrecido.

A mulher não estava nada aborrecida, ocorreu a Walden. De facto, era provável que achasse tudo aquilo bastante divertido; dissera-o, porém, pois era o tipo de comentário que uma condessa inglesa faria e, como não era inglesa mas russa, gostava de dizer coisas tipicamente inglesas, da mesma maneira que um homem que falasse francês estava sempre a repetir *alors e hein?*.

Walden foi até à janela. O automóvel de Churchill continuava no pátio, a chocalhar e a deitar fumo. Ao lado, o motorista mantinha uma mão na porta, como se para o segurar — como a um cavalo para o impedir de se afastar. A uma distância segura, alguns criados observavam a cena.

Pritchard entrou, anunciando: — O senhor Winston Churchill.

Era um homem de quarenta anos, exatamente menos dez que Walden. Baixo e esguio, vestia-se de uma forma que parecia a

Walden ser um tudo-nada demasiado elegante para um verdadeiro cavalheiro. Estava a ficar com entradas, que lhe deixavam um tufo no alto da testa e dois caracóis nas fontes, o que, juntamente com o nariz pequeno e o permanente brilho irónico no olhar, lhe dava um ar travesso. Era fácil perceber o motivo pelo qual os cartoonistas o retratavam muitas vezes como um querubim malévolo.

Churchill apertou-lhe a mão, dizendo alegremente: — Boas tardes, Lorde Walden. — Fez uma vénia a Lydia. — Lady Walden, os meus respetos. — Walden interrogou-se: *O que é que ele tem que me irrita tanto?*

Lydia ofereceu-lhe chá, e Walden convidou-o a sentar-se. Não que fosse perder tempo com conversas triviais: impaciente, queria saber a razão para tamanho rebuliço.

Churchill começou por dizer: — Em primeiro lugar, as minhas desculpas, bem como as de Sua Majestade, por vos importunar.

Walden assentiu. Não iria dizer que não tinha qualquer importância.

Churchill continuou: — Devo acrescentar que não o teria feito, não fossem as circunstâncias imperiosas.

— Será melhor dizer-me quais são elas.

— Está ao corrente do que se tem passado no mercado monetário?

— Sim. A taxa de desconto tem vindo a subir.

— De um e três quartos para quase três por cento. É uma subida enorme e ocorreu em apenas algumas semanas.

— Presumo que saiba porquê.

Churchill fez um sinal de concordância com a cabeça. — As empresas alemãs têm estado a vender dívida em grande escala, arrecadando dinheiro vivo e comprando ouro. Mais algumas semanas assim e a Alemanha terá recolhido tudo o que lhe era devido por outros países, deixando, ao mesmo tempo, pendentes as suas dívidas a esses mesmos países; e as suas reservas de ouro serão mais elevadas que nunca.

— Estão a preparar-se para a guerra.

— Desta e de outras formas. Cobraram mil milhões de marcos para além dos impostos normais a fim de melhorar um exército que é já o mais forte da Europa. Recordar-se-á de que, em 1909,

quando o Lloyd George aumentou a carga fiscal em quinze milhões de libras esterlinas, quase houve uma revolução. Bom, a quantia de mil milhões de marcos equivale a *cinquenta* milhões de libras. É a maior coleta fiscal alguma vez arrecadada na história da Europa...

— De facto é — interrompeu Walden. Churchill ameaçava tornar-se histriónico, e ele não o queria a discursar. — Faz tempo que nós, conservadores, estamos preocupados com o militarismo alemão. E agora, à última hora, está a dizer-me que tínhamos razão.

Churchill manteve-se imperturbável. — É quase certo que a Alemanha irá atacar a França. A questão que se põe é: iremos nós em socorro da França?

— Não — retorquiu Walden, surpreendido. — O ministro dos Negócios Estrangeiros garantiu-nos que não temos quaisquer obrigações para com a França...

— Sir Edward está a ser sincero, está bem de ver — proferiu Churchill —, mas está enganado. O acordo que temos com a França é tal que nos impede de nos mantermos à margem e ficarmos a assistir à sua derrota frente à Alemanha.

Walden ficou perturbado. Os liberais haviam convencido toda a gente, ele próprio inclusive, de que não conduziriam a Inglaterra para um estado de guerra; contudo, agora, um dos seus ministros mais influentes dizia-lhe o contrário. A duplicidade dos políticos era exasperante, mas Walden pôs de lado esse pensamento e ponderou as consequências de uma guerra. Pensou nos jovens que conhecia que teriam de ir combater: os jardineiros pacientes que lhe tratavam do parque, os criados atrevidos, os trabalhadores rurais de rosto tisonado, os jovens ociosos dos clubes de St. James... Depois, esse pensamento foi substituído por outro, muito mais assustador, e inquiriu: — Mas podemos ganhar?

Churchill pôs um ar sério. — Não me parece.

Walden ficou a olhar para ele fixamente. — Deus meu, o que é que vocês fizeram?

O outro defendeu-se. — A nossa política tem sido a de evitar a guerra; e, se há uma coisa que não se pode fazer, é evitá-la e simultaneamente armarmo-nos até aos dentes.

— Mas não estão a conseguir evitá-la.

— Continuamos a tentar.

— Mas o senhor acaba de me dizer que acredita que não vão conseguir.

Por momentos, Churchill assumiu uma expressão belicosa após o que pareceu engolir o orgulho. — Sim.

— Nesse caso, o que sucederá?

— Se a Inglaterra e a França não conseguirem derrotar a Alemanha juntas, teremos de ter um outro aliado, um terceiro país do nosso lado: a Rússia. Se a Alemanha se dividir em duas frentes de combate, poderemos ganhar. Claro que o Exército russo é incompetente e corrupto, tal como tudo o resto no país, mas isso não terá qualquer importância desde que retire parte da força à Alemanha.

Churchill conhecia muito bem a naturalidade russa de Lydia, e era uma falta de tato tipicamente sua denegrir o seu país de origem na sua presença; Walden, contudo, deixou passar o facto, pois sentiu-se intrigadíssimo por aquilo que o outro dizia. — A Rússia já é aliada da França — lembrou.

— Essa aliança não é suficiente — contrapôs Churchill. — A Rússia encontra-se obrigada a combater se a França for vítima de agressão, mas é prerrogativa sua decidir, caso a caso, se a França é a vítima ou a agressora. Sempre que uma guerra deflagra, ambos os lados alegam ser vítimas. Por consequência, a aliança não obriga a Rússia a combater a não ser que assim o deseje. Precisamos que a Rússia esteja recente e firmemente comprometida connosco.

— Não consigo imaginar-vos a unir forças com o czar.

— Está a julgar-nos mal. Para salvar a Inglaterra, faremos acordos com o próprio Diabo.

— Os vossos apoiantes não vão gostar.

— Não vão saber.

Walden percebeu o que se seguiria, e a perspectiva pareceu-lhe entusiasmante. — No que estão a pensar? Num acordo secreto? Ou num entendimento tácito?

— Em ambos.

De olhos semicerrados, Walden observou o ministro. *Afinal este jovem demagogo pode não ser completamente oco do cérebro, refletiu, e esse cérebro pode não estar a meu favor. Então os liberais querem fazer um*



*acordo secreto com o czar, apesar do ódio que o brutal regime russo suscita ao povo inglês — mas porquê dizer-mo a mim? Querem arrastar-me para o meio da coisa, isso é mais que evidente. Com que objetivo? Para que, se tudo der para o torto, tenham um conservador a quem atribuir a culpa? Vão precisar de um conjurado bem mais subtil que o Churchill para me levarem à certa.*

Walden declarou: — Continue.

— Dei início a negociações com a Marinha russa, algo do mesmo género das que estabelecemos com os militares franceses. Têm decorrido a um nível bastante baixo, mas agora estão prestes a tornar-se mais sérias. Há um jovem almirante russo que vem a Londres, o príncipe Aleksei Andreivitch Orlov.

Lydia exclamou: — O Aleks!

Churchill olhou para ela. — Creio ser seu familiar, Lady Walden.

— Sim — confirmou Lydia, e, por uma razão desconhecida, Walden não conseguiu adivinhar por que motivo a mulher pareceu constrangida. — É o filho da minha irmã mais velha, o que faz dele meu... primo?

— Sobrinho — corrigiu Walden.

— Não sabia que já era almirante — acrescentou ela. — Deve ter sido promovido recentemente. — Mantinha a sua compostura habitual, e Walden concluiu que imaginara aquele momento de constrangimento. Agradava-lhe que Aleks viesse a Londres: gostava do rapaz. Lydia comentou: — Uma idade juvenil para ter tanta autoridade.

— Tem trinta anos — contrapôs Churchill, dirigindo-se a Lydia, e ocorreu a Walden que, aos quarenta, Churchill era muito novo para ser responsável pela Marinha Real Britânica. A expressão dele parecia querer dizer: «O mundo pertence aos jovens geniais como eu e como o Orlov.»

*Mas tu precisas de mim para qualquer coisa,* disse Walden a si próprio.

— Além do mais — continuou —, o Orlov é sobrinho do czar e, o que é mais importante, é um dos poucos para além do Rasputine de quem o czar gosta e em quem confia. Se existe alguém dentro da instituição naval russa que possa fazer o czar pender para o nosso lado é o Orlov.

Walden fez a pergunta que lhe bailava no pensamento. — E qual será o meu papel nisso tudo?

— Quero que represente a Inglaterra nestas conversações e quero que me entregue a Rússia numa bandeja.

*O sujeito não consegue resistir à tentação de ser melodramático*, pensou Walden. — Quer que eu e o Aleks negociemos uma aliança militar anglo-russa?

— Sim, quero.

Apercebeu-se imediatamente de quão difícil, exigente e gratificante seria a missão. Disfarçou o entusiasmo e resistiu à tentação de se erguer e de caminhar de um lado para o outro.

Churchill discorria: — O senhor conhece o czar pessoalmente. Conhece a Rússia e fala a língua fluentemente. É tio do Orlov por afinidade. Em 1906, já persuadiu o czar a alinhar com a Inglaterra e não com a Alemanha, quando interveio para evitar a ratificação do Tratado de Bjorko. — Fez uma pausa. — Apesar de tudo, não foi a nossa primeira escolha para representar a Grã-Bretanha nestas negociações. Da forma como as coisas estão em Westminster...

— Sim, sim. — Walden não queria iniciar uma discussão sobre *isso*. — Porém, houve algo que o fez mudar de opinião.

— Resumindo e concluindo, o senhor foi o escolhido pelo czar. Parece ser o único inglês em quem confia minimamente. De qualquer maneira, enviou um telegrama ao primo, o rei, insistindo para que o Orlov negociasse consigo.

Walden imaginava a consternação entre os radicais quando soubessem que teriam de envolver um velho par do reino conservador e reacionário num esquema secreto daqueles. — Presumo que a ideia o tenha horrorizado — afirmou.

— De modo nenhum. No que respeita a política externa, as medidas que preconizamos não estão muito em desacordo com as suas. Além do mais, sempre achei que as nossas divergências internas não eram motivo suficiente para não aproveitar as suas capacidades no governo de Sua Majestade.

*Lá está a lisonja*, refletiu Walden. *Precisam mesmo de mim*. Em voz alta inquiriu: — E como é que tudo isto permaneceria secreto?

— Parecerá uma visita social. Se concordar, o Orlov ficará hospedado em vossa casa, em Londres, para a temporada. Apresentá-lo-ão à sociedade. A vossa filha debuta este ano, não é verdade? — inquiriu, olhando para Lydia.

— É verdade — confirmou ela.

— Portanto, de todas as formas, será uma ocasião de vida social intensa. Como sabem, o Orlov é solteiro e obviamente um solteiro muito desejável, portanto poderemos lançar o rumor no estrangeiro de que anda à procura de uma esposa inglesa. Até pode acontecer que arranje uma.

— Uma excelente ideia. — De súbito, Walden apercebeu-se de que estava a achar tudo aquilo muito divertido. No passado, já assumira o papel de uma espécie de diplomata semioficial durante os governos conservadores de Salisbury e de Balfour, mas, nos últimos oito anos, não havia participado na política internacional. Agora teria a hipótese de regressar aos palcos e começou a recordar-se de quão absorvente e fascinante era aquele mundo: a discrição; a arte de negociar qual jogador; os choques de personalidades; a utilização cautelosa da persuasão, da pressão ou da ameaça de guerra. Não era fácil lidar com russos, lembrou-se, pois tinham tendência para ser caprichosos, obstinados e arrogantes. Todavia, seria possível manobrar Aleks. Quando Walden e Lydia se haviam casado, estivera presente na boda, um rapazinho de dez anos, de fato à marinheiro. Mais tarde, passara dois anos na Universidade de Oxford e, nas férias, fora visita de Walden Hall, o solar de família. Morrera-lhe o pai, e Walden tinha-lhe dedicado mais tempo do que normalmente passaria com um adolescente, sendo recompensado com a amizade de uma mente jovem e alegre.

Tudo aquilo constituía uma esplêndida base para uma negociação. *Creio ser capaz de levar a coisa a bom porto*, pensou. *E que triunfo seria!*

Churchill inquiriu: — Nesse caso, presumo que poderemos contar consigo.

— Claro que sim — retorquiu.

\* \* \*

Lydia ergueu-se. — Não, não se levantem — disse quando os dois homens lhe copiaram o gesto. — Deixo-vos a falar de política. Fica para o jantar, Mr. Churchill?

— Infelizmente, tenho um compromisso na cidade.

— Nesse caso, despeço-me — proferiu ela, apertando-lhe a mão.

Abandonou o Octógono, que era o local onde tomavam sempre o chá, atravessou o grande átrio, passou pelo pequeno átrio e entrou na sala das flores. Ao mesmo tempo, um dos ajudantes de jardineiro — Lydia não sabia o nome do rapaz — entrou pela porta do jardim com um braçado de túlipas cor-de-rosa e amarelas para o centro da mesa do jantar. Uma das coisas que Lydia adorava em Inglaterra em geral e em Walden Hall em particular era a abundância de flores, e mandava apanhá-las todas as manhãs e todas as tardes, mesmo no inverno quando tinham de ser plantadas nas estufas.

O homem levou a mão ao boné — não tinha de o tirar a não ser que lhe dirigissem a palavra, pois teoricamente o compartimento fazia parte do jardim — e pousou as flores numa mesa de mármore, saindo em seguida. Lydia sentou-se e aspirou o ar fresco e perfumado. Aquela era uma boa divisão para recuperar de choques, e a conversa sobre São Petersburgo tinha-a enervado. Lembrava-se de Aleksei Andreivitch no dia do seu casamento, um rapazito bonito e tímido, e lembrava-se de que *esse* fora o dia mais infeliz da sua vida.

Era perverso da sua parte fazer daquele espaço o seu santuário, pensou. A casa tinha divisões quase para todos os fins: diversas salas para o pequeno-almoço, o almoço, o chá e o jantar, uma sala de bilhar e outra para guardar armas, divisões especiais para lavanderia, para engomadoria, para a confeção de compotas, para arear as pratas, para pendurar a caça, para armazenar vinho, para escovar os fatos... A sua própria suíte dispunha de um quarto de dormir, um quarto de vestir e uma sala de estar. No entanto, quando queria estar em paz, ia para ali e sentava-se numa cadeira dura e ficava a olhar para a bacia em pedra grosseira e para as pernas em ferro forjado da mesa de mármore. Já reparara que o marido também possuía um santuário não oficial: quando Stephen se sentia perturbado, ia para a sala das armas e lia o livro de caça.

Portanto, Aleks seria seu hóspede em Londres durante a temporada. Falariam da terra natal, da neve, do *ballet* e das bombas; e Aleks fá-la-ia pensar num outro jovem russo, o homem com quem se não tinha casado.

Fazia dezanove anos que não via esse homem, mas a simples menção de São Petersburgo fazia-a recordá-lo e arrepiava-lhe a pele sob a seda *moiré* do vestido que usava para a hora do chá. Tinha dezanove anos, a mesma idade que ela, e era um estudante faminto, de longos cabelos negros, o rosto de lobo e os olhos de um *spaniel*. Era magríssimo, de pele branca, a penugem do corpo macia, escura e adolescente; e as mãos eram muito, muito destras. Ruborizou-se, não ao pensar no corpo dele, mas sim no seu próprio, que a traía, que a enlouquecia de prazer, que a fazia gritar sem vergonha ou embaraço. *Eu era ruim, pensou. Ainda sou ruim, pois gostaria de o fazer de novo.*

Dominada por um sentimento de culpa, pensou no marido. Quase nunca pensava nele sem se sentir culpada. Não estava apaixonada por ele quando se tinham casado, mas agora amava-o. Era um homem afetuoso, de convicções fortes, e adorava-a. O seu afeto por ela era constante e gentil, sem a paixão desesperada que ela própria tinha vivido outrora. Ele era feliz apenas porque nunca soubera que o amor podia ser selvagem e ávido, refletiu.

*Já não anseio por um amor desse tipo, disse ela para si. Aprendi a viver sem ele, e, com o passar dos anos, tornou-se mais fácil. E é assim que deve ser, já tenho quase quarenta anos!*

Algumas das suas amigas ainda se tentavam e acabavam por ceder. Não lhe contavam os seus casos amorosos, pois pressentiam que não os aprovaria; mas trocavam bisbilhotices sobre outros, e Lydia sabia que, em algumas festas das casas de campo, havia muito... enfim, adultério. Uma vez Lady Girard dissera-lhe com o ar condescendente da mulher mais velha que dá conselhos a uma jovem anfitriã: «Minha querida, se receber a viscondessa e o Charlie Scott ao mesmo tempo, vai ter fatalmente de lhes dar quartos contíguos.» Lydia pusera-os em lados opostos da casa, e a viscondessa nunca mais voltara a Walden Hall.

Dizia-se que aquele tipo de imoralidade era culpa do falecido rei, mas Lydia não acreditava nisso. Era certo que havia travado

amizade com judeus e com cantoras, mas isso não fazia dele um devasso. De todas as formas, pernoitara no solar em duas ocasiões — a primeira enquanto príncipe de Gales e a segunda já como rei Eduardo VII — e, de ambas, comportara-se impecavelmente.

Lydia interrogou-se se o novo rei viria alguma vez a Walden Hall. Receber um monarca exigia muito, mas simultaneamente era tão empolgante preparar a casa o melhor possível, oferecer refeições de uma opulência inimaginável e comprar doze vestidos apenas para um fim de semana. Além do mais, se o novo rei viesse, poderia conceder-lhes a almejada *entrée* — o direito a entrar no palácio de Buckingham pelo acesso dos jardins nas ocasiões mais especiais, em vez de fazer fila ao longo de The Mall juntamente com mais duzentas carruagens.

Pensou nos convidados daquele fim de semana. George, o irmão mais novo do marido, possuía o charme mas não o sentido de responsabilidade de Stephen. Belinda, a filha, de dezoito anos, era da mesma idade que Charlotte, e ambas seriam em breve apresentadas à sociedade. A mãe de Belinda morrera havia alguns anos, e George tinha-se casado de novo, de uma forma um tanto célere. Clarissa, a segunda mulher, muito mais nova que ele, era uma jovem muitíssimo expansiva, que lhe dera dois gémeos. Um deles herdaria Walden Hall por morte de Stephen, a não ser que Lydia desse à luz um filho varão tardiamente. *Eu podia*, refletiu. *Sinto que posso, só que não acontece.*

Estava quase na hora de se preparar para o jantar. Deu um suspiro. Sentia-se genuinamente confortável no seu vestido para o chá, com o cabelo louro num penteado solto; agora teria de envergar um espartilho apertado, e uma criada penteá-la-ia, o cabelo firmemente apanhado para cima. Dizia-se que havia algumas jovens que estavam a abandonar os espartilhos por completo. Não lhe parecia mal se se tivesse naturalmente uma figura em oito; contudo, ela era estreita de corpo nos sítios errados.

Levantou-se e saiu. O ajudante de jardineiro, ao lado de uma roseira, conversava com uma das criadas. Lydia reconheceu a rapariga: era Annie, uma jovem fútil, voluptuosa e bonita, de sorriso largo e generoso. De mãos nos bolsos do avental, virava o rosto

para o sol a rir-se de qualquer coisa que o jardineiro dissera. *Ora aí está uma rapariga que não precisa de espartilho*, ocorreu-lhe. A criada deveria estar a vigiar Charlotte e Belinda, pois a precetora estava de folga da parte da tarde. Lydia chamou-a, ríspida: — Annie! Onde estão as meninas?

O sorriso da criada desapareceu, e fez uma cortesia. — Não sei delas, *m'lady*.

O jardineiro afastou-se timidamente.

— Não me parece que estejas à sua procura — retorquiu. — Vá, vai lá.

— Sim, *m'lady*. — Annie correu para as traseiras. Lydia suspirou: as jovens não estariam nessa direção, mas não se deu ao trabalho de chamar a rapariga e de a repreender de novo.

Caminhou pelo relvado vagarosamente, pensando em coisas agradáveis e familiares e afastando São Petersburgo do pensamento. O pai de Stephen, o sétimo conde de Walden, plantara rododendros e azáleas na zona oeste do parque. Lydia nunca o conhecera, pois morrera antes de ela ter conhecido o marido, mas, pelo que se contava, fora uma das grandes figuras míticas vitorianas. Os arbustos que havia plantado estavam agora em plena floração, numa explosão de cores variegadas muito pouco vitoriana. *Temos de mandar alguém pintar um quadro da casa*, pensou. O último fora realizado antes de o parque ter atingido o pleno estado de maturação.

Voltou-se e contemplou Walden Hall. Ao sol da tarde, a pedra cinzenta da fachada sul era bonita e majestosa. Ao centro, via-se a porta sul. A ala leste, mais afastada, era composta pela sala de estar e pelas diversas salas de jantar, atrás das quais corria um emaranhado de cozinhas, de despensas e de lavandarias que se estendia, desordenado, até às distantes cavalariças. Mais perto de si, do lado poente, situava-se a sala de estar utilizada durante o dia, o Octógono e, na esquina do edifício, a biblioteca; seguiam-se, ao longo da fachada oeste, a sala de bilhar, a sala de armas, o seu quarto das flores, uma sala de fumo e o escritório da propriedade. No primeiro andar, a maioria dos quartos de dormir da família situavam-se do lado sul, os principais quartos de hóspedes no lado

poente e os quartos dos criados a nordeste, longe da vista, por cima das cozinhas. O andar acima era ocupado por uma variedade irracional de torres, de torreões e de sótãos. Toda a fachada era uma explosão de cantaria ornamental ao melhor estilo rococó vitoriano, com flores e galões, com rolos de corda, dragões e leões, com querubins, com varandins e parapeitos, mastros, relógios de sol e gárgulas. Lydia adorava tudo aquilo e sentia-se grata por Stephen, ao contrário de muitos membros da velha aristocracia, poder dar-se ao luxo de manter a mansão.

Charlotte e Belinda apareceram, vindas dos arbustos do outro lado do relvado. Claro que Annie não as tinha encontrado. Ambas usavam chapéus de abas largas e vestidos de verão com as colegiais meias pretas altas e sapatos rasos pretos. Dado que Charlotte seria em breve debutante, de vez em quando, era-lhe permitido pentear o cabelo ao alto e vestir-se para o jantar, mas, a maior parte do tempo, Lydia tratava-a como a menina que ainda continuava a ser, pois não era bom para as crianças crescerem depressa demais. As duas primas pareciam embrenhadas na conversa, e Lydia interrogou-se, abstraída, sobre o que conversariam elas. *O que me ia na mente quando tinha dezoito anos?*, perguntou-se e, nesse momento, recordou-se de um jovem de cabelo macio e mãos expeditas e pensou: *Ó meu Deus, por favor, permiti-me guardar os meus segredos.*

— Achas que vamos sentir-nos diferentes depois de sermos apresentadas? — inquiriu Belinda.

Charlotte já havia pensado no assunto. — Eu não.

— Mas seremos crescidas.

— Não estou a ver como é que muitas festas e bailes e piqueniques podem fazer uma pessoa crescer.

— Vamos usar espartilho.

Charlotte deu um risinho. — Já experimentaste?

— Não, e tu?

— Eu experimentei o meu na semana passada.

— Como é que é?

— É horrível. Não se consegue andar direita.

— E como é que ficava?



Charlotte fez um gesto com as mãos a desenhar um busto enorme. Rebentam ambas em gargalhadas. Charlotte avistou Lydia e pôs um ar contrito, à espera de ser repreendida. A mãe, porém, parecia absorta e limitou-se a esboçar um sorriso vago enquanto se afastava.

— Mas vai ser divertido — afirmou Belinda.

— A temporada? Sim — retorquiu a jovem num tom de dúvida —, mas afinal para que serve?

— Para encontrarmos um rapaz do tipo que nos convenha, como é óbvio.

— Para andar à procura de um marido, queres tu dizer.

Chegaram ao enorme carvalho no meio do relvado, e Belinda sentou-se no banco debaixo da árvore, parecendo vagamente amuada. — Tu achas que ser apresentada à sociedade é tudo um grande disparate, não é? — perguntou.

Charlotte sentou-se a seu lado e percorreu o olhar pelo tapete de relva até à fachada sul de Walden Hall. As altas janelas góticas brilhavam ao sol da tarde. Daquele ponto, a casa parecia ter sido planeada racionalmente segundo os padrões habituais, mas, por trás daquela fachada, o que existia era uma desordem fascinante. Proferiu: — O que é um disparate é ter de esperar tanto tempo. Não tenho assim tanta pressa de ir a bailes e de deixar cartões de visita durante as tardes e de conhecer rapazes, nem me importava de nunca fazer essas coisas, mas fico tão irritada por ser tratada como se ainda fosse uma criança. Odeio ter de jantar com a Marya, que é tão ignorante ou que finge sê-lo. Pelo menos, na sala de jantar, sempre se conversa. O pai fala de coisas interessantes. Quando estou aborrecida, a Marya sugere jogar às cartas. Eu não quero *jogar* ou brincar a nada. Tenho passado a vida toda a brincar. — Suspirou. Falar assim deixara-a ainda mais zangada. Olhou para o rosto sardento e sereno de Belinda com a sua auréola de caracóis ruivos. Charlotte, de rosto oval, nariz reto e queixo forte, possuía cabelo negro e espesso. *Sempre despreocupada, a Belinda*, pensou. *Coisas destas nunca a incomodam, nada a perturba.*

Charlotte tocou no braço da prima ao de leve. — Desculpa, não queria perder a cabeça desta maneira.

— Não faz mal. — Belinda sorriu, benévola. — Zangas-te sempre a propósito das coisas que não consegues mudar a teu gosto. Lembras-te daquela vez que resolveste que querias ir para Eton?

— Nunca quis ir para Eton!

— Ah, isso é que quiseste. Armaste um escândalo. Como o pai andou em Eton, disseste na altura, por que motivo não havias tu de ir?

Não se recordava, mas não podia negar que aquilo parecia próprio dela aos dez anos. Continuou: — Mas não achas que tudo isto podia ser diferente? Ser debutante, ir passar a temporada a Londres, ficar noiva, e depois o casamento...

— Podias envolver-te num escândalo e ser forçada a emigrar para a Rodésia.

— Não sei bem como se lida com escândalos.

— Nem eu.

Ficaram em silêncio por um bocado. Por vezes, Charlotte desejava ser tão passiva quanto Belinda. A vida seria bem mais simples, se bem que terrivelmente aborrecida. Comentou: — Perguntei à Marya o que se espera de mim depois de me casar. Sabes o que me disse? — Imitou o gutural sotaque russo da precetora. — De *si?* *Nada*, minha filha, não vai fazer nada.

— Oh, isso é uma palermice — replicou Belinda.

— Será? O que fazem a minha mãe e a tua?

— Pertencem à elite da sociedade. Vão a festas e andam de solar em solar e vão à ópera e...

— É o que eu estou a dizer. Não fazem nada.

— Têm bebés...

— Essa é outra coisa. Fazem tanto *segredo* sobre ter filhos.

— Isso é porque é uma coisa... obscena.

— Porquê? O que é que tem de obsceno? — Charlotte percebeu que estava a ficar de novo demasiado *entusiasta*. Marya estava sempre a dizer-lhe para não ser *entusiasta*. Respirou profundamente e baixou o tom de voz. — Eu e tu vamos ter de os ter. Não achas que elas podiam dizer-nos como tudo se passa? Estão tão interessadas em que saibamos tudo sobre o Mozart e o Shakespeare e o Leonardo da Vinci.

Belinda parecia constrangida, mas muito interessada. *Ela tem a mesma opinião que eu*, pensou Charlotte. *O que saberá ela sobre o assunto?*

Inquiriu: — Sabes que os bebés crescem dentro da barriga?

Belinda assentiu, soltando de seguida: — Mas como é que começam?

— Ah, acontece, acho eu, por volta dos vinte e um anos. É por isso que temos de ser debutantes e de ser apresentadas: assim arranjam um marido antes de começarmos a ter filhos. — Charlotte hesitou, acrescentando em seguida: — É o que eu acho.

Belinda questionou: — Então como é que saem?

— Não sei. De que tamanho é que são eles?

Belinda estendeu as mãos a sessenta centímetros uma da outra. — Os gémeos eram deste tamanho quando tinham um dia. — Pensou de novo e estreitou a distância. — Bem, talvez deste tamanho.

Charlotte proferiu: — Quando as galinhas põem ovos, vêm... de trás. — Evitou olhar diretamente para a prima. Jamais havia tido uma conversa tão íntima com alguém. — Os ovos parecem muito grandes, mas saem.

Belinda inclinou-se e disse em voz baixa: — Uma vez, eu vi a *Daisy* parir um bezerro. A *Daisy* é uma vaca da raça Jersey da quinta. Os homens não sabiam que eu estava a ver. Foi assim que eles disseram: «parir um bezerro».

Charlotte estava fascinada. — O que aconteceu?

— Foi horrível. Parecia que a barriga dela se abria, e havia muito sangue e coisas. — Estremeceu.

— Isto assusta-me — confidenciou Charlotte. — Tenho medo que me aconteça antes de eu saber como é. Por que razão é que não nos contam?

— Não devíamos estar a falar destas coisas.

— Temos direito de falar disto, c'os diabos!

Belinda abafou uma exclamação. — Praguejar só piora as coisas!

— Não me interessa. — Enfurecia-a o facto de não haver forma de descobrir, de não haver ninguém a quem perguntar, nenhum livro que pudessem consultar... De súbito, teve uma ideia. — Há um armário fechado à chave na biblioteca, aposto que tem livros sobre estas coisas. Vamos dar uma olhadela!

— Mas está fechado à chave...

— Oh, eu sei onde está a chave. Há anos que sei onde está.

— Metemo-nos em grandes sarilhos se formos descobertas.

— Agora estão todos a vestir-se para o jantar. É a nossa oportunidade. — Charlotte ergueu-se.

Belinda hesitou. — Vai haver problemas.

— Não me interessa. De qualquer das maneiras, vou espreitar, e tu podes vir se quiseres. — Virou-se e caminhou em direção à casa. Passados momentos, Belinda juntou-se-lhe a correr, tal como Charlotte sempre soubera que ela faria.

Atravessaram o pórtico com colunas, entrando na frescura do imponente átrio de tetos altos. Virando à esquerda, passaram pela sala de estar de dia e pelo Octógono e entraram na biblioteca. Charlotte dizia a si mesma que era mulher e tinha direito a saber, mas, ainda assim, sentia-se como uma menina traquinas.

A biblioteca era a sua divisão preferida. Dado que estava situada numa esquina do edifício, era uma sala muito clara, iluminada por três janelas enormes. As cadeiras estofadas a cabedal eram antigas e surpreendentemente confortáveis. No inverno, a lareira estava sempre acesa, e havia jogos e *puzzles*, bem como dois ou três milhares de livros. Alguns deles eram antiquíssimos, do momento em que a casa fora construída, mas muitos eram recentes, pois a mãe lia romances e o pai interessava-se por muitos assuntos: Química, agricultura, viagens, astronomia e História. Charlotte gostava particularmente de ali estar nos dias de folga de Marya, quando a preceptora não podia arrancar-lhe *Longe da Multidão*<sup>2</sup> das mãos e substituí-lo por *The Water Babies*<sup>3</sup>. Por vezes, o pai juntava-se-lhe, sentado à secretária vitoriana de pedestais, a ler um catálogo de maquinaria agrícola ou o balancete de uma ferroviária americana, mas nunca interferindo com a sua escolha de leituras.

---

<sup>2</sup> Romance de Thomas Hardy, publicado originalmente em 1874 e posteriormente adaptado ao cinema. Editorial Presença, Lisboa, 2015. (NT)

<sup>3</sup> Grande clássico da literatura infantil da autoria de Charles Kingsley, publicado em 1863. (NT)

No momento, a divisão estava deserta. Charlotte dirigiu-se de imediato à secretária e abriu uma pequena gaveta quadrada de um dos pedestais, de onde retirou uma chave.

Havia três armários encostados à parede ao lado da secretária. Um deles continha caixas de jogos, um outro embalagens de papel de carta e de sobrescritos estampados com o brasão Walden. O terceiro encontrava-se trancado. Foi aquele que Charlotte abriu com a chave.

No seu interior, viam-se vinte ou trinta livros e uma pilha de revistas velhas. Charlotte olhou de relance para uma delas. Chamava-se *The Pearl* e não lhe pareceu muito promissora. Apressada, escolheu dois livros ao acaso, sem olhar para o título. Fechou e trancou o armário e repôs a chave na gaveta da secretária.

— Já está! — exclamou em tom triunfante.

— Onde é que podemos vê-los? — ciciou Belinda.

— Lembras-te do nosso esconderijo?

— Ah, sim!

— Porque estamos a falar baixinho?

Rebentaram ambas em risinhos.

Charlotte encaminhou-se para a porta. Subitamente, ouviu-se uma voz a chamar do átrio: — Lady Charlotte... Lady Charlotte...

— É a Annie, anda à nossa procura — disse a jovem. — É simpática, mas tão tola. Vamos sair pelo outro lado, depressa. — Atravessou a biblioteca e passou para a sala de bilhar, que, por sua vez, dava para a sala das armas. Contudo, ouviu alguém. Pôs-se à escuta por momentos.

— É o meu pai — sussurrou Belinda, parecendo aterrada. — Saiu com os cães.

Felizmente, na sala de bilhar, havia duas portas-janelas que davam para o terraço poente. As duas jovens escapuliram-se, fechando-as atrás de si. O Sol, baixo e vermelho, lançava sombras longas pelos relvados.

— E agora, como é que entramos? — inquiriu Belinda.

— Pelos telhados. Vem atrás de mim!

Charlotte contornou as traseiras da casa a correr e atravessou a horta até às cavalariças. Enfiou os dois livros no corpete do vestido e apertou o cinto para não caírem.

De uma esquina do pátio das cavaliças, trepou facilmente por alguns degraus para o telhado dos aposentos dos criados. Primeiro, pôs-se em cima da tampa em ferro da carvoeira, que era utilizada para guardar os toros. De lá, içou-se para o telhado de chapa do telheiro das ferramentas adjacente à lavanderia. Pôs-se de pé no telhado de chapa ondulada e subiu ao telhado em ardósia da lavanderia. Olhou para trás: Belinda seguia-a.

Lentamente foi avançando de lado pelas telhas em declive, de barriga para baixo, segurando-se com as palmas das mãos e os talões dos sapatos, até ao ponto em que o telhado terminava numa parede. Então, gatinhou telhado acima e escarranchou-se na cumeeira.

Belinda alcançou-a e inquiriu: — Isto não é perigoso?

— Faço isto desde os nove anos.

Acima delas via-se a janela de um quarto das águas-furtadas que era partilhado por duas das criadas de sala. A janela estava colocada no cimo da água do telhado, com os topos da moldura quase ao nível da cumeeira. Charlotte esticou-se e espreitou pela janela. O quarto estava vazio. Içou-se para o parapeito e pôs-se de pé.

Inclinou-se para a esquerda, pôs um braço e uma perna sobre a cumeeira e içou-se sobre as telhas. Em seguida, virou-se e ajudou Belinda a subir.

Ficaram ali por momentos a recuperar o fôlego. Charlotte lembrava-se de lhe terem dito que Walden Hall possuía dezasseis mil metros quadrados de telhados. Era difícil de acreditar até se ter subido até àquele ponto e perceber que uma pessoa podia perder-se entre os cumes e os vãos. Dali era possível alcançar qualquer dos telhados através dos passadiços, das escadas e dos túneis que os operários usavam sempre que vinham fazer os trabalhos de manutenção na primavera: limpar as caleiras, pintar os canos das águas e substituir as telhas partidas.

Charlotte levantou-se. — Anda, o resto é fácil — disse.

Uma escada levava ao próximo telhado, seguida de uma passagem feita de tábuas e de um pequeno lance de degraus em madeira que desembocava numa porta pequena e quadrada aberta na parede. Charlotte abriu a aldraba e entrou de gatas: estava no esconderijo.

Tratava-se de uma divisão baixa, sem janelas, com o teto inclinado e um chão de pranchas de madeira que, se não se tivesse cuidado, deixava farpas. Outrora deveria ter sido utilizado como armazém, imaginava; contudo, agora estava completamente esquecido. Numa extremidade, havia uma porta que levava a um armário do quarto das crianças, que não era usado havia muitos anos. Descobri-o aos oito ou nove anos e, de vez em quando, usava-o no seu jogo de escondidas a escapar à vigilância, uma diversão a que se dedicara a vida toda, parecia-lhe. Pelo chão, viam-se almofadões, frascos com velas e uma caixa de fósforos. Em cima de um dos almofadões, jazia um cão de brincar macio e muito estragado, ali escondido oito anos antes, depois de Marya, a precetora, ter ameaçado deitá-lo fora. Uma pequeníssima mesa de apoio continha uma jarra partida cheia de lápis de cor e um estojo em cabedal vermelho. Todos os anos se fazia o inventário em Walden Hall, e Charlotte lembrava-se de Mrs. Braithwaite, a governanta, dizer que desapareciam as coisas mais estranhas.

Belinda entrou a gatinhar, e Charlotte acendeu as velas. Tirou os dois livros do corpete e leu os títulos. Um deles chamava-se *Medicina do Lar* e o outro *O Romance da Luxúria*<sup>4</sup>. O livro sobre medicina parecia mais prometedora. Sentou-se num almofadão e abriu-o. Com um ar culpado, Belinda sentou-se a seu lado. Charlotte sentia-se como se estivesse prestes a descobrir o segredo da vida.

Foi folheando as páginas. O livro parecia explícito e pormenorizado no que dizia respeito a reumatismo, a ossos partidos e a sarampo, mas, de súbito, tornava-se impenetravelmente vago quando chegava ao nascimento. Havia algumas informações misteriosas sobre contrações, sobre o rebentar das águas e sobre um cordão que tinha de ser atado em dois sítios e depois cortado com uma tesoura, que havia sido previamente mergulhada em água a ferver. Era óbvio que aquele capítulo tinha sido escrito para pessoas que já sabiam muito sobre o assunto. Havia um desenho de uma mulher nua. Charlotte reparou que a mulher do desenho não possuía pelos num certo lugar onde ela tinha muitos, mas sentiu-se

---

<sup>4</sup> Romance erótico vitoriano anónimo. (NT)

envergonhada para comentar com Belinda. Via-se ainda o desenho de um bebé dentro da barriga da mãe, mas não havia qualquer indicação sobre o canal através do qual o bebé poderia sair.

Belinda alvitrou: — O médico deve cortar a barriga.

— Então como é que se fazia antigamente antes de haver médicos? — interrogou Charlotte. — De qualquer maneira, este livro não nos serve de nada. — Abriu o outro ao acaso e leu em voz alta a primeira frase que se lhe deparou: — Com um vagar lascivo, ela desceu sobre a minha rígida haste até estar completamente empalada, após o que iniciou os prazerosos movimentos de vaivém. — Charlotte franziu o sobrolho e olhou para a prima.

— O que será que quer isto dizer? — interrogou-se Belinda.

Sentado numa carruagem, Feliks Kschessinsky aguardava que o comboio partisse da estação de Dover. O compartimento estava frio, e o homem mantinha-se imóvel. Estava escuro no exterior, e ele via a sua imagem refletida na vidraça da janela: um homem alto de bigode aparado, envergando casaco preto e chapéu de coco. Na prateleira por cima da cabeça, jazia uma pequena mala. À primeira vista, poderia ser tomado por vendedor de um fabricante de relógios suíços, mas um olhar mais atento teria notado o casaco barato, a mala de cartão e o rosto, que não era de um homem que vendia relógios.

Pensava na Inglaterra. Recordava como, na sua juventude, defendera a monarquia constitucional inglesa como a forma ideal de governo. O pensamento divertiu-o, e o pálido rosto refletido no vidro devolveu-lhe o esboço vago de um sorriso. Desde então, havia mudado de opinião sobre a forma ideal de governo.

O comboio arrancou, e, alguns minutos mais tarde, Feliks contemplava o Sol a erguer-se sobre os pomares e os campos de lúpulo de Kent. Nunca deixava de se surpreender com a *beleza* da Europa. Ao vê-la pela primeira vez, ficara fortemente perturbado, pois, como qualquer camponês russo, fora-lhe impossível conceber que o mundo pudesse ser assim. Recordava-se de que, nessa ocasião, viajara de comboio. Percorrera milhares de quilómetros através das províncias do Noroeste da Rússia, escassamente povoadas, com as suas árvores raquíticas, as aldeias miseráveis enterradas na neve e as



estradas lamacentas e sinuosas; depois, numa manhã, acordara já na Alemanha e, ao contemplar os campos cuidados e verdes, as estradas pavimentadas, as casas atraentes nas aldeias asseadas e os canteiros de flores da soalheira plataforma da estação de comboios, julgara ter chegado ao paraíso. Mais tarde, na Suíça, sentara-se no alpendre de um pequeno hotel, aquecido pelo Sol se bem que à vista das montanhas cobertas de neve, a beber café e a comer um pãozinho fresco de côdea bem cozida, e pensara: *Aqui as pessoas devem ser tão felizes.*

Agora, ao observar o acordar matinal das quintas inglesas, ocorreu-lhe o amanhecer na sua aldeia natal: o agitado céu cinzento e o vento hostil; os campos pantanosos gelados com poças de neve e tufo de erva bravia orlada de geada; ele próprio, envergando uma puída blusa de trabalho em tela, os pés já dormentes nos sapatos de feltro e nos tamancos; a seu lado, o pai, caminhando em passadas largas, na túnica surrada dos padres pobres de província, a arrazoar sobre a bondade de Deus. O pai havia amado o povo russo porque Deus o amava. Para Feliks era claramente evidente que Deus odiava o povo, pois tratava-o da forma mais cruel.

Essa discussão fora o início de uma longa jornada, uma jornada que havia afastado Feliks do cristianismo, o havia conduzido ao socialismo e ao terror anarquista, desde a província de Tambov a São Petersburgo, à Sibéria e a Genebra. E fora aí que tinha tomado a decisão que o levara a Inglaterra. Recordou o encontro a que não faltara por pouco...

Quase faltara ao encontro. Tinha estado em Cracóvia para negociar com os judeus polacos que faziam a revista — *Motim* — passar a fronteira e entrar clandestinamente na Rússia. Chegado a Genebra depois do anoitecer, dirigira-se diretamente à minúscula gráfica de Ulrich, situada numa ruela. O comité editorial estava reunido: nas traseiras da loja, em volta de uma vela, por trás do prelo reluzente e aspirando o cheiro da tinta de impressão e das máquinas oleadas, quatro homens e duas raparigas planeavam a revolução russa.

Ulrich pôs Feliks ao corrente daquilo que estavam a discutir. Ele tinha-se encontrado com Josef, um espião ao serviço da Okhrana,

a polícia secreta russa. Secretamente, o homem simpatizava com os revolucionários e trabalhava para a secreta por dinheiro, fornecendo-lhe informações falsas. Por vezes, os anarquistas contavam-lhe pequenas verdades sem importância e, em troca, Josef avisava-os sobre as atividades da Okhrana.

Daquela feita, a notícia era sensacional. «O czar quer fazer uma aliança militar com a Inglaterra», explicou Ulrich a Feliks. «Vai enviar o príncipe Orlov a Londres para negociar. A Okhrana tem conhecimento porque tem de escoltar o príncipe durante a viagem pela Europa.»

Feliks tirou o chapéu e sentou-se, questionando-se sobre a veracidade da informação. Uma das jovens, uma russa triste e abatida, trouxe-lhe um copo de chá. Ele tirou um torrão de açúcar meio-comido do bolso, pô-lo entre os dentes e bebericou o chá através do açúcar à maneira dos camponeses.

«A questão é que, assim sendo», continuou Ulrich, «a Inglaterra poderia entrar em guerra com a Alemanha e obrigar os Russos a participar.»

Feliks assentiu.

A rapariga de ar abatido interveio: «E não serão os príncipes e os condes a morrer, serão os russos comuns.»

*Tem razão*, pensou Feliks. A guerra seria travada pelos camponeses. Havia passado a maior parte da sua vida entre eles. Eram difíceis, intratáveis e tacanhos, mas a sua generosidade estouvada e as explosões espontâneas do mais puro divertimento que tinham esporadicamente indicavam como se comportariam numa sociedade decente. As suas preocupações principais residiam no tempo, nos animais, nas doenças, nos partos e em intrujar o senhorio. Durante alguns anos, no final da adolescência, eram robustos e desempenados, sorriam, corriam velozes, e namoravam; porém, em breve se tornavam curvados, cinzentos, vagarosos e taciturnos. Agora, o príncipe Orlov preparava-se para levar esses jovens na primavera da vida e fazê-los marchar à frente dos canhões para serem abatidos ou mutilados para sempre, sem dúvida pelas melhores razões da diplomacia internacional.

Eram coisas daquelas que tinham feito Feliks tornar-se anarquista.

«O que devemos fazer?», inquiriu Ulrich.

«Temos de estampar a notícia na primeira página da *Motim!*», exclamou a rapariga de ar abatido.

Começaram a discutir a melhor forma de tratar a notícia. Feliks ficou a escutar. As questões editoriais não o interessavam muito. A sua função era distribuir a revista, escrever artigos sobre como fazer bombas, e sentia-se profundamente descontente. Tornara-se muitíssimo civilizado em Genebra. Bebia cerveja em vez de vodca, usava colarinho e gravata, assistia a concertos de música clássica. Tinha emprego numa livraria. Entretanto, a Rússia vivia momentos de grande agitação. Os operários do petróleo estavam em guerra com os cossacos, o parlamento era impotente, e um milhão de trabalhadores estava em greve. O czar Nicolau II era o governante mais incompetente e asinino jamais gerado por uma aristocracia degenerada. O país era um barril de pólvora prestes a explodir, e Feliks queria ser o rastilho. Todavia, regressar ser-lhe-ia fatal. José Estaline havia-o feito e, mal pusera o pé em solo russo, tinha sido mandado para a Sibéria. A polícia secreta conhecia melhor os revolucionários exilados do que os que continuavam na pátria. Feliks sentia-se exasperado com o colarinho rígido, com os sapatos de cabedal e com a situação em que se encontrava.

Olhando em redor, observou o pequeno grupo de anarquistas: Ulrich, o impressor, de cabelo branco, num avental manchado de tinta, era o intelectual que lhe emprestava livros de Proudhon e de Kropotkin, mas também um homem de ação que uma vez o ajudara a assaltar um banco; Olga, a rapariga de ar abatido, que parecera estar a apaixonar-se por Feliks até, um dia, o ter visto partir um braço a um polícia e que, depois disso, tinha ficado com medo dele; Vera, a poetisa promíscua; Yevno, o estudante de Filosofia, que falava muito de uma vaga purificadora de sangue e de fogo; Hans, o relojoeiro, que lia as almas das pessoas como se as observasse à lupa; e Piotr, o conde espoliado, que escrevia opúsculos sobre economia brilhantes e editoriais revolucionários inspiradores. Eram gente sincera, trabalhadora e inteligente. Feliks reconhecia a importância do grupo, pois havia vivido no interior da Rússia entre os desesperados que esperavam impacientemente pelos jornais e

pelos panfletos entrados ilegalmente e os passavam de mão em mão até se desfazerem literalmente. Contudo, nada daquilo bastava, pois as brochuras de economia não ofereciam proteção contra as balas da polícia e os artigos inflamados não fariam arder os palácios.

Ulrich dizia: «Uma notícia destas precisa de ter maior divulgação que a da *Motim*. Quero que todos os camponeses russos saibam que o Orlov os conduziria a uma guerra inútil e sangrenta por razões que lhes são alheias.»

Olga interveio: «O problema principal é saber se vão acreditar em nós.»

Feliks contrapôs: «O problema principal é saber se a história é verdadeira.»

«Podemos verificar», retorquiu Ulrich. «Os camaradas de Londres podem descobrir se o Orlov chega na data prevista e se tem encontros com as pessoas com quem tem de falar.»

«Fazer circular a notícia não é suficiente», afirmou Yevno, alterado. «Temos de impedir uma coisa destas!»

«Como?», quis saber Ulrich, olhando para o jovem sobre os óculos com aros de metal.

«Devíamos exigir a morte do Orlov; é um traidor, atraiçoa o povo e deve ser executado.»

«E isso poria fim às negociações?»

«É provável que sim», replicou o conde Piotr. «Especialmente se o assassino fosse anarquista. Lembrem-se que a Inglaterra concede asilo político a anarquistas, o que enfurece o czar. Ora, se um dos seus príncipes fosse morto em Inglaterra por um dos nossos camaradas, seria bem possível que o czar ficasse tão irado que cancelasse todas as negociações.»

Yevno proferiu: «Que bela história teríamos! Podíamos dizer que o Orlov tinha sido assassinado por um de nós por traição ao povo russo.»

«Uma notícia *dessas* era dada nos jornais de todo o mundo», disse Ulrich com ar meditabundo.

«Pensem no efeito que teria na Rússia. Sabem o que os camponeses pensam do alistamento militar, é como uma sentença de morte. Quando um rapaz vai para o Exército, fazem um funeral.

Se soubessem que o czar estava a planejar mandá-los combater numa grande guerra europeia, seria um verdadeiro Apocalipse...»

Tinha razão, refletiu Feliks. Yevno costumava falar naqueles termos, mas, daquela vez, tinha toda a razão.

Ulrich interveio: «Acho que estás a sonhar alto, Yevno. O Orlov vem em missão secreta, não vai andar a passear por Londres numa carruagem aberta a acenar à multidão. Além disso, eu conheço os camaradas londrinos, nunca mataram ninguém. Não estou a ver como se pode fazer.»

«Sei eu», contrapôs Feliks. Olharam-no todos. A luz tremeluzente da vela lançava sombras ondulantes nos rostos. «Eu sei como se pode fazer.» A voz soou-lhe estranha, como se a garganta se apertasse. «Eu vou a Londres. E mato o Orlov.»

De súbito, caiu o silêncio enquanto a ideia de morte e de destruição se tornava real e concreta no meio deles. Olhavam-no todos com surpresa à exceção de Ulrich, que sorria com um ar entendido, quase como se tivesse planeado desde o início o rumo que as coisas iriam tomar.